

Verbos inergativos – itens lexicais de alternância causativo-inchoativa¹ Unergative verbs – lexical items to causative-inchoative alternation

Morgana Fabiola Cambrussi*

RESUMO: Este trabalho investiga a alternância causativo-inchoativa de verbos inergativos do português do Brasil. O propósito do estudo é explicar as condições lexicais necessárias para se licenciar a incidência de causatividade sobre inergativos. Há duas instâncias de alternância causativa registradas, a de verbos inacusativos, amplamente conhecida, e a de verbos inergativos, a exemplo de ‘passar’, investigada neste trabalho. Neste artigo, sustentamos que a alternância causativa-inchoativa de inergativos ocorre quando condições linguísticas muito específicas são atendidas. É preciso que o evento internamente controlado (causa interna) possa ser externamente controlado (causa externa). Também é necessário que haja a presença simultânea de dois argumentos responsáveis pelo desenrolar do evento: um que induz à realização e outro, induzido, que desencadeia e sofre a realização do evento. Além disso, a entidade afetada, que sofre indução, tem controle sobre o desenvolvimento do evento e a entidade que induz o desenvolvimento do evento tem controle sobre a indução.

PALAVRAS-CHAVE: Alternância causativa. Causativização lexical. Inergativos.

ABSTRACT: This paper investigates the causative-inchoative alternation of unergative verbs in Brazilian Portuguese. The purpose of this study is to explain the necessary lexical conditions to license the occurrence of causation over unergative verbs. There are two registered levels of causative alternation, from unaccusative verbs, widely known, and from unergative verbs, like ‘passar’, investigated in this work. In this paper, we argue that the causative-inchoative alternation from unergatives occurs when very specific linguistic conditions are attended. It is necessary that the event internally controlled (internal cause) can be externally controlled (external cause). It is also necessary the simultaneous presence of two arguments responsible for the event development: one that induces the event realization and other that is induced, triggers and receives the event realization. Moreover, the affected entity, that receives induction, has control over the event development and the entity that induces the event development has control over the induction.

KEYWORDS: Causative alternation. Lexical causativization. Unergative.

¹ Esta pesquisa foi desenvolvida no conjunto de minha tese de doutorado defendida em 2009. Constitui parte de um dos capítulos de Cambrussi (2009).

* Doutora em Linguística (UFSC/2009), professora do Mestrado em Estudos Linguísticos e da Graduação em Letras da UFFS, líder do Grupo de Pesquisa Estudos Gramaticais e Lexicais, do CNPq. Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/6043221891913034>. Contato: morgana@uffs.edu.br.

1. Introdução

A alternância causativo-incoativa de predicadores primitivamente transitivos (inacusativos), ao que tudo indica, constitui um fenômeno linguístico mais regular que aquela em que os predicadores alternantes são verbos primitivamente intransitivos (inergativos). Um dos fatores de influência para a maior regularidade do primeiro caso de alternância causativa pode ser o fato de seus predicadores serem tipicamente verbos de mudança de estado e também eventualidades de indução externa. Já a instância de alternância causativa cujos predicadores são verbos inergativos, que tipicamente denotam atividade e são eventualidades de causa interna, torna-se fortemente restrita quanto à manifestação de causatividade.

Este artigo objetiva apresentar uma discussão sobre a alternância causativo-incoativa cujo predicador é um verbo inergativo e uma proposta de análise de ocorrências dessa instância de alternância linguística no interior do português brasileiro. Para isso, são relacionadas ocorrências do fenômeno no português e no inglês e é retomada a descrição desse tipo de alternância em trabalhos tomados como referência – especificamente o que desenvolveu Levin (1993) –, estendendo-a aos dados do português.

2. Alternância causativa de inergativos

A aparente preferência pelo desenvolvimento de pesquisas sobre alternância causativa de verbos do tipo de *quebrar* (*abrir, rolar, girar, mover, bater, partir*, entre outros) pode ocorrer, especialmente, por envolver verbos inacusativos como predicadores, que estão comumente em foco, desde o surgimento da hipótese inacusativa formulada por Perlmutter (1978), e que apresentam alta simetria de comportamento gramatical entre diferentes línguas.

Trabalhos como o de Levin (1993) elaboram sua investigação exclusivamente em torno da alternância causativo-incoativa de verbos inacusativos, os quais, na perspectiva da autora, são de base transitiva (anterior a Levin, Chierchia ([1989] 2004) já argumentou em favor da forma transitiva primária dos verbos inacusativos). Brevemente, ela faz referência ao que chama *alternância de ação induzida* (que estamos denominando *alternância causativo-incoativa de inergativos*), verificada como parte do comportamento sintático-semântico de um subgrupo de verbos do tipo de *run* ('correr') e de outros subgrupos citados a seguir, os quais correspondem aos inergativos alternantes investigados neste trabalho.

2.1 A alternância de ação induzida licenciada por itens lexicais do inglês

Com base no levantamento de estudos precedentes, Levin (1993, p. 31-32) identifica as seguintes classes de verbos inergativos do inglês capazes de alternar para diátese transitiva: *Run verbs*, *Verbs of sound emission*, *Verbs of light emission*, *Verbs of substance emission*, *Verbs of spatial configuration*, *Lodge verbs*, *Suffocate verbs* e um grupo de itens lexicais cuja organização em classe não é tão clara, levando a autora a denominá-los genericamente como *Other verbs*. (1) é usado por Levin para ilustrar essa instância de alternância para verbos do tipo de *run* ('correr'):

- (1) (a) The scientist ran the rats through the maze.
'O cientista correu os ratos através do labirinto'
(b) The rats ran through the maze.
'Os ratos correram através do labirinto'

Segundo Levin (1993), (1) difere da alternância causativo-incoativa a partir de predicadores inacusativos porque a entidade afetada é tipicamente animada e volitiva, induzida pelo causador a agir.

Frequentemente, na variante transitiva, o causador não só é entendido como causa de o afetado se mover, mas também como entidade que acompanha a causa. Porém, a interpretação de acompanhamento não é necessária, como se ilustra pelo exemplo que envolve ratos em um labirinto.² (LEVIN, 1993, p. 31).

Apesar dos casos em que não há interpretação de acompanhamento para a entidade causadora, mas em virtude da potencialidade dessa interpretação, esse tipo de alternância pode ser também identificado como *accompanied causation alternation* ('alternância por causação acompanhada').

Outro aspecto destacado do exemplo anterior é, para o uso transitivo causativo, a presença ou a inferência de um sintagma direcional. Levin afirma que, nessas construções, o verbo deve estar acompanhado de um sintagma que indique direção e, quando não está realizado sintaticamente, esse sintagma deve ser deduzido da composição da sentença. Por exemplo, (1)

² Tradução livre, no original: "Often in the transitive variant the causer is understood not only to cause the causee to move but also to be accompanying the cause. However, the accompaniment interpretation is not necessary, as shown by the example involving rats in a maze" (LEVIN, 1993, p. 31).

indica que o cientista fez correr o rato por uma trajetória (contida na acepção de *labirinto*), e não poderia indicar que houve uma permanência no mesmo lugar. Essa propriedade, conforme sustenta a autora, “[...] separa a alternância por ação induzida das outras instâncias de alternância.”³ (LEVIN, 1993, p. 31).

Aparentemente, a restrição a ocorrer com sintagma direcional aplica-se apenas aos verbos inergativos alternantes do tipo de *correr*. Há verbos que, embora não denotem atividade, possuem uso preferencialmente intransitivo (p.ex., *doer*⁴, *estudar*, *casar*) e não pressupõem nem realizam sintaticamente um sintagma direcional quando causativizados em alternância por ação induzida – além de contradizerem outras propriedades sustentadas em Levin (1993). Nas sentenças a seguir, isso se torna mais explícito:

- (2) (a) Mateus casou a irmã com pressa.
(a') Mateus casou a irmã.
(b) Andréia estudou os filhos até a faculdade.
(b') Andréia estudou os filhos.
(c) Essa palmilha dói meu pé no calcanhar.
(c') Essa palmilha dói meu pé.

Primeiramente, em nenhum dos dados em (2) o sintagma pós-verbal é direcional. O primeiro indica modo, o segundo, o nível máximo da formação atingida por *estudar* e, o terceiro, uma especificação do local da dor. Além de os sintagmas possuírem valores semânticos distintos, sua presença ou inferência não são obrigatórias (cf. (a'), (b') e (c')), contrariando o que indica Levin para a classe.

Depois, em nenhum dos exemplos o desencadeador que induz à ação pode ser entendido como acompanhante do evento. Nenhum falante, diante das sentenças acima, interpretaria que Mateus casou junto com a irmã, que Andréia estudou junto com os filhos ou que a palmilha doeu junto com o pé. O que essas ocorrências tornam evidente é que a *alternância por causatividade acompanhada* está restrita a verbos do subgrupo de *correr*, assim como a exigência de sintagma direcional. Com relação à última exigência, ainda que restrita aos verbos

³ Tradução livre, no original: “[...] sets the induced action alternation apart from other instances of causative alternations.” (LEVIN, 1993, p. 31).

⁴ Levin (1993, p. 224, classe 40.8.1), ao criar a classe de verbos rotulada *pain verbs*, aponta que verbos do inglês que exprimem estado corpóreo, como *to hurt*, podem ser usados transitiva ou intransitivamente. Em geral, o sujeito de construções que envolvam esses verbos é uma parte do corpo, cujo possuidor é experienciador que pode ser expresso ou não; nos usos transitivos, esse experienciador ocupa a posição de objeto: Ex. *It hurts me*. Em português do Brasil, defenderei que esse verbo é tipicamente de uso intransitivo.

do subgrupo de *correr*, é possível questionar se a realização/inferência de um sintagma direcional será condição necessária à formação da diátese causativa desses verbos também para os dados do português brasileiro.

2.2 A alternância de ação induzida licenciada por itens lexicais do português brasileiro

Conforme dito anteriormente, Levin (1993) sustenta que a alternância de ação induzida difere da alternância causativa de inacusativos por aquela conter uma entidade afetada tipicamente animada e volitiva, induzida pelo causador a agir. Essa propriedade é atestada pelos dados de (2a-b), mas não está presente em (2c). Ao contrário, o argumento afetado em (2c) é parte de uma entidade animada e nem mesmo por interpretação metonímica seria possível conferir volição a essa entidade, já que a construção possui: (a) um desencadeador que não induz, mas realiza o evento expresso pelo verbo; (b) um verbo que não denota ação, mas estado; (c) um argumento afetado que não está em uma relação de *parte de* com um agente, mas com um experienciador.

Exceto os predicadores identificados como *run verbs*, as demais classes verbais constituem uma ampla categoria em que se incluem todos os verbos cujo uso transitivo significa, em linhas gerais, “causa para um V-intransitivo”, os quais não se ajustam dentro dos outros dois tipos de alternância causativa descritos por Levin (a ‘alternância por causação acompanhada’ e a alternância de inacusativos). Apesar da diversidade semântica desses predicadores, a autora dá ênfase à existência de propriedades comuns entre eles. À exceção dos verbos que denotam algum tipo de sufocamento (que não parecem dar margem para a interpretação de controle interno), todos os demais verbos do inglês listados nas classes se encaixam na descrição de verbos basicamente intransitivos caracterizados por serem ações internamente controladas que, em certos contextos de uso, podem ser externamente controladas ou externamente causadas, dando origem ao uso transitivo do verbo (LEVIN, 1993, p. 32).

Sobre esse aspecto, Smith (1970 *apud* Levin (1993))⁵ aponta que essa característica está refletida no fato de que muitos desses verbos apresentam um conjunto maior de restrições seletivas para o objeto da diátese transitiva que o conjunto de restrições seletivas existente para o sujeito da diátese intransitiva, ainda que os dois argumentos mantenham a mesma relação

⁵ O texto de C.S. Smith que aqui é citado intitula-se “Jerspersen’s ‘Move and Change’ Class and Causative Verbs in English” e foi publicado como capítulo da obra *Linguistic and Literary Studies in Honor of Archibald A. Hill*, de circulação restrita.

semântica com o verbo. Assim, é possível arrotar o bebê, mas não é possível arrotar o médico; contudo, o médico, tanto quanto o bebê, pode arrotar.

Ainda que não se objetive aplicar uniformemente ao português os resultados teóricos obtidos para o inglês, entende-se que se pode partir de propriedades já descritas para compreender a ocorrência de um mesmo fenômeno em outras línguas. Guardadas as diferenças de ordem semântico-lexical e pragmática entre as línguas – como a variação na valência do verbo, as lexicalizações possíveis para o inglês, mas não aceitas pela estrutura do português ou a questão da relevância comunicativa –, pode-se identificar um comportamento semelhante em certos verbos do português do Brasil⁶ que, do mesmo modo que seus equivalentes em inglês, são basicamente intransitivos e internamente causados, mas que, em certos contextos, admitem causatividade externa: *do que resulta a diátese transitiva com valor causal*.

- (3) (a) Meu amigo rangeu os dentes, numa reação nervosa.
(a') Os dentes rangeram, numa reação nervosa.
(b) Inúmeras vezes depois ele soou a campainha.
(b') A campainha soou inúmeras vezes depois.
(c) O sol brilha a lataria.
(c') A lataria brilha.
(d) Síndrôno sangrou a galinha.
(d') A galinha sangrou. (perspectiva incoativa acarreta mudança semântica)

Os dados de (3) ilustram a alternância causativo-incoativa de inergativos denotadores de emissão (de som, de luz e de substância). Em (3a), o argumento *Meu amigo* tem participação marcadamente volitiva no desencadeamento de *ranger*, de que o sintagma *os dentes* participa duplamente, como afetado e também como desencadeador de um evento de emissão de som. No exemplo (3b), semelhante à sentença anterior, o pronome anafórico produz algo no mundo que leva à realização de *soar*, induzindo o desenrolar do evento. Mas essa interferência não parece ser exclusiva do argumento sujeito, já que há qualquer coisa intrínseca no argumento afetado *a campainha* que o faz, também, participante do desencadeamento.

As sentenças (3c) e (3d) seguem a mesma descrição precedente: tanto o argumento sujeito quanto o argumento objeto têm participação sobre o desenrolar do evento expresso pelo

⁶ Os dados apresentados neste trabalho possuem como função atestar a ocorrência do fenômeno da alternância causativo-incoativa de predicadores basicamente intransitivos em português do Brasil. Não foram extraídos de um corpus específico, mas selecionados de maneira aleatória, através de um sistema de busca centrado nos usos causativos dos verbos que se desejava analisar. Para conferir o contexto de ocorrência dos dados e a fonte de onde foram extraídos, consultar Cambrussi (2009).

verbo; enquanto o primeiro cria as condições para o evento ser realizado, o segundo tem o potencial de realização do evento entre o conjunto de suas propriedades inerentes. Ainda, em (3a), (3b) e em (3d), o desencadeador em posição de sujeito carrega o traço de volição/controle, enquanto o argumento desencadeador é afetado na posição de objeto (de todas as sentenças em (3)), apesar de participar do desenvolvimento do evento, não tem controle sobre ele. Do mesmo modo, o argumento em posição de sujeito *o sol*, em (3c), não tem controle sobre o evento que induz – aliás, nessa construção, o argumento afetado não tem controle sobre a causatividade interna e o argumento indutor não exerce controle sobre a indução de causatividade externa.

Inergativos que denotam configuração espacial, em uso transitivo causativo, apresentam as mesmas características:

- (4) (a) O mecânico voou o avião.
(a') O avião voou.
(b) O vento forte inclinou os antigos postes da rua.
(b') Os antigos postes da rua inclinaram.
(c) Garcez pousou o avião com 54 pessoas a bordo.
(c') O avião pousou com 54 pessoas a bordo.
(d) Um homem piedoso descansou a cabeça do morto sobre o agasalho.
(d') A cabeça do morto descansou sobre o agasalho.
(e) Ela sentou o bebê no banco.
(e') O bebê sentou no banco.

Também para os exemplos de (4), o argumento desencadeador em posição de sujeito pode apresentar os traços de volição e controle. Os argumentos em posição de sujeito da forma transitiva de (a), (c), (d) e (e) – respectivamente, *O mecânico*, *Garcez*, *Um homem* e *Ela* – são agentes mais prototípicos, cuja composição semântica comporta os traços de volição e controle sobre o desencadeamento do evento (logo, sobre a indução do segundo argumento). Já o argumento desencadeador responsável pela indução em (4b), *O vento forte*, sendo uma causa natural, é compatível apenas com o papel de agente menos prototípico, cuja composição semântica não abarca o traço de volição.

O argumento induzido, em posição objetiva das construções de (4), ao contrário do argumento causador, é afetado pela indução do primeiro argumento e participa do desencadeamento de maneira não-volitiva. Embora haja alguma propriedade intrínseca a esses argumentos que lhes possibilita ter participação no desenrolar do evento expresso pelo verbo, essa participação não é controlada pelo segundo argumento, apenas por aquele cujo papel semântico comporta o traço de volição.

Entretanto, os argumentos induzidos são também responsáveis pelo desenrolar do evento: ao mesmo tempo em que o constituinte *Os antigos postes da rua* sofre a inclinação, é, por indução externa, a entidade que inclina; ao mesmo tempo em que *O avião* sofre o pouso ou o voo, também é, por indução externa, aquilo que *pousa/voa*; igualmente, ao mesmo tempo em que *O bebê* sofre a indução para sentar(-se), é, por indução do segundo argumento, aquele que *senta*. Seguindo-se essa mesma análise, em (4d), ocorrência em que *descansar* indica ‘acomodar(-se)’ ou ‘colocar(-se) em posição confortável’, embora a natureza semântica do argumento afetado possa gerar estranhamento, o argumento *A cabeça do morto* sofre o descanso e, por indução externa, participa do desenrolar do evento (o argumento é induzido a estar em determinada configuração espacial). Em contexto idêntico, uma sentença como *A mãe descansou o filho nos braços* não gera qualquer estranhamento: assim como *o filho* é afetado pelo evento, realiza-o por indução externa.

Em suma, assim como apresenta Levin para o inglês, há verbos do português que podem alternar entre as construções sintáticas inergativa e transitiva causativa (conforme ilustrado pelos dois últimos blocos de exemplos, *ranger, soar, brilhar, sangrar, voar, inclinar, pousar, descansar, sentar*, entre outros), sendo itens lexicais licenciadores dessa alternância. Como apontara a autora, o que esses verbos parecem compartilhar em sua estrutura semântica é a possibilidade de admitirem, em contextos específicos e mesmo sendo internamente causados, uma causatividade externa. Assim, há indução externa para a ocorrência de um evento que mantém sua inerente propriedade de causa interna, desencadeando dupla causatividade – a indução externa ficaria a cargo do argumento causador sujeito, enquanto a causatividade interna se aplicaria ao argumento objeto, afetado pela causa externa, mas desencadeador da causa interna.

Essa ‘cadeia causal’ possível para algumas instâncias da alternância causativo-incoativa fica facilmente perceptível nos exemplos a seguir, em que os predicadores das construções transitivas causativas de (5) são verbos inergativos que pertencem ao grupo identificado por Levin pelo rótulo *run verbs*:

- (5) (a) Ele trotou e galopou o cavalo preto em círculos.
(a') O cavalo preto trotou e galopou em círculos.
(b) Cada participante passeou a criança por pisos desnivelados.
(b') A criança passeou por pisos desnivelados.
(c) Ele saltou o cavalo por cima do banco.
(c') O cavalo saltou por cima do barco.

- (d) O comparsa cavalgou o cavalo do neoliberalismo.
(d') O cavalo do neoliberalismo cavalgou.

Em conformidade com o que sustenta a autora, as três primeiras construções ocorrem com os sintagmas direcionais *em círculo, por pisos desnivelados, por cima do banco*. Mesmo quando o sintagma não é realizado, *Cada participante passeou a criança*, pode-se inferi-lo pela composição sentencial dos elementos, [por/em algum lugar].

Já a construção metafórica de (5d), da qual se abstrai a noção de movimento, não realiza sintaticamente nem deixa implícito sintagma direcional, o que torna mais evidente a ideia de que a realização ou a inferência de sintagmas dessa natureza estão rigidamente condicionadas pela estrutura semântica de predicadores verbais que denotam movimento. Ainda assim, há contextos restritos de ocorrência em que parece bloqueada a necessidade de essas construções ocorrerem em composição com tais sintagmas.

- (6) O apresentador deverá trotar o cavalo mais uma vez.

Pelo que se lê no exemplo (6), não se pode afirmar que o cavalo será trotado para fora da posição de origem e a ideia de direção é comunicativamente irrelevante, já que (i) é possível que apenas se realizem passos de trote que alternem as patas, mas não impliquem mudança de posição e (ii) o realce da construção recai sobre a potencialidade de realização do evento e não sobre a realização em si. Também se pode pensar em construções com *trotar* que anulem a noção de direção ou mesmo que ensejem a negação do conteúdo proposicional da sentença (i. *Maneco trotou o cavalo sem sair da baia*; ii. *Nunca foi o Maneco quem trotou o cavalo*).

Ainda, (5) e (6) encaixam-se na descrição de *alternância por causatividade acompanhada* apresentada por Levin (1993), segundo a qual o argumento causador em posição de sujeito, externamente, induz à realização da ação aquele argumento afetado que desencadeia a causa interna do evento denotado pelo verbo e acompanha o desenvolvimento do evento. Essa mesma descrição de acompanhamento pode estar disponível para a construção com verbo de configuração espacial (4a), e também para (4c), mas não está disponível para (4b), (4d) e (4e), tampouco para as construções com verbos de emissão contidas em (3).

3. Considerações finais

Ainda que a *alternância por causatividade acompanhada* possa ser uma característica presente em um subgrupo de ocorrências de alternância causativa de inergativos de configuração espacial, (5a-d) ilustram como a leitura de acompanhamento para o argumento causador é mais estável nos casos de alternância de verbos de movimento como *passar*. Além disso, verbos de movimento regularmente selecionam sintagmas direcionais, não apenas em construções causativas, mas também quando realizados em sua diátese mais prototípica, a intransitiva (conforme os dados de (5) em (a'), (b') e (c')). Isso leva a crer que a seleção de um sintagma que indique circunstância espacial ou direcional não é propriamente um traço característico do fenômeno de alternância causativo-incoativa de inergativos do tipo de *passar*, mas um traço que integra a caracterização dos critérios de seleção semântica do próprio predicador, independentemente da diátese verbal.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese, que retoma as propriedades caracterizadoras da alternância causativa a partir de predicadores primitivamente intransitivos, detalhadas anteriormente.

Quadro 1: Síntese das propriedades de construções causativas formadas a partir de predicadores primitivamente intransitivos (inspirado em Levin (1993) e em Levin e Rappaport-Hovav (1995))

	<i>Verbos de Movimento</i>	<i>Verbos de Emissão e de Configuração Espacial</i>	<i>Outros Casos</i>
<i>Construções</i> ⇒	i) <i>Silvia saltou o cavalo por cima da cerca.</i> ii) <i>Os pais passearam o bebê.</i>	i) <i>O policial soou a sirene.</i> ii) <i>O vento inclinou o poste.</i> iii) <i>O piloto pousou o avião.</i>	i) <i>Andréia estudou os filhos.</i> ii) <i>Caco casou as filhas.</i> iii) <i>Esse colchão dói minhas costas.</i>
<i>Propriedades</i> ⇓	<i>galopar, passear, pular, saltar, trotar, voar, pousar, entre outros.</i>	<i>brilhar, chiar, inclinar, sangrar, soar, entre outros.</i>	<i>casar, descansar, doer, estudar, repousar, entre outros.</i>
Eventos internamente controlados (causa interna) que podem ser externamente controlados (causa externa).	SIM	SIM	SIM
Presença simultânea de dois argumentos responsáveis pelo desenrolar do evento: um que induz à realização e outro, induzido, que desencadeia e sofre a realização do evento.	SIM	SIM	SIM
O evento expresso pelo verbo faz parte do conjunto de	SIM	SIM	SIM

propriedades intrínsecas/ potencialidades da entidade induzida.			
Entidade afetada tipicamente animada ou em relação de <i>parte de algo animado.</i>	SIM	NÃO	SIM
Entidade que induz o desenvolvimento do evento também o acompanha.	SIM	NÃO	NÃO
Presença ou inferência de um sintagma direcional.	SIM	NÃO	NÃO
Entidade afetada que sofre indução tem controle sobre o desenvolvimento do evento.	SIM	NÃO	NÃO NECESSARIAMENTE
Entidade que induz o desenvolvimento do evento tem controle sobre a indução.	SIM	NÃO NECESSARIAMENTE	NÃO NECESSARIAMENTE

O objetivo deste estudo foi apresentar a descrição do processo de alternância causativa de inergativos, partindo do proposto (especialmente por Levin (1993)) para a caracterização dessa classe de verbos do inglês e para delimitação dos contextos de causativização de inergativos. Esses procedimentos de análise foram estendidos aos dados do português do Brasil que atestam a ocorrência do fenômeno e ilustram os contextos sintáticos de causativização de inergativos nesta língua.

Para finalizar, destaca-se que, ao serem investigadas as condições de realização da alternância causativo-inoativa de inergativos, este trabalho produziu uma proposta de descrição dos aspectos de significado relacionados à estrutura semântica de itens lexicais inergativos alternantes (a) relevantes para o licenciamento dessa instância de alternância causativa em português e (b) responsáveis pela assimetria de participação na alternância causativa registrada entre um subgrupo de inergativos do inglês e suas formas correlatas não-alternantes em português.

Referências

CAMBRUSSI, M. F. **Alternância causativa de verbos inergativos no português brasileiro**. 2009. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CHIERCHIA, G.. A semantic for unaccusatives and its syntactic consequences. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. **Studies on The Unaccusativity puzzle: Explorations of the Syntax-Lexicon Interface**. Oxford: Oxford University Press, 2004. 
<http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199257652.003.0002>

LEVIN, B. **English verb classes and alternations**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. **Unaccusativity**: At the Syntax-Lexical Semantics Interface. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

PERLMUTTER, D.M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. **Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 157-189, 1978, Berkeley Linguistics Society, Berkeley.

Artigo recebido em: 23.09.2014

Artigo aprovado em: 28.01.2015